



Interação na internet e ideologia: excesso e atenuação *

Regina de Souza Gomes**

Resumo: Este trabalho tem como objetivo contribuir para a compreensão, sob a perspectiva da Semiótica de linha francesa, dos discursos que circulam nas redes sociais e em sites de internet, caracterizados, principalmente, pelas alterações políticas, pelas polarizações e pelos excessos nas relações enunciativas, pelas posições ideológicas arraigadas e apaixonadas (Barros, 2014; 2015; 2016). Em contrapartida, circulam também sites e textos que caminham em direção inversa – para uma busca, pelo menos aparente, de desaceleração, a exemplo do Movimento *Slow*. Analisaremos, para tanto, as postagens do ex-Ministro da Educação em sua conta pessoal do *Twitter*, colhidas entre setembro e outubro de 2019, e sites que preconizam a atonia e os valores da contemplação, do equilíbrio e da harmonia, alinhados com o Movimento *Slow* (tais como *Ciclo Vivo*), além de reportagens sobre o tema, em jornais portugueses e brasileiros. Levaremos em conta, para a análise, principalmente, a sintaxe intensiva e as categorias tensivas da triagem e da mistura para a apreensão dos valores ideológicos, sem deixar de observar os recursos discursivos de actualização e de argumentação. A análise aponta para convergências, com diferentes gradações, tanto temáticas quanto de andamento e intensidade.

Palavras-Chave: interação enunciativa; internet; tensividade.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.181037> .

** Docente do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: reginagomes@letras.ufrj.br . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7042-8235> .

Introdução

Os discursos que circulam nas redes sociais e em sites de internet, são marcados, principalmente, pelo excesso e pela aceleração: pelas alterações políticas e polarizações, pelos conflitos e denúncias, pelas posições ideológicas arraigadas e apaixonadas, como bem afirma Barros (2014; 2015; 2016), assim como pelas surpresas, revelações e novidades. Mesmo apresentando, como ponto de partida, essa rapidez característica, há também sites e textos que se orientam para direção inversa – para uma busca, pelo menos aparente, de desaceleração, a exemplo do Movimento *Slow*, preconizando a convivência, a duração mais extensa e a demora. Esses dois universos, mesmo parecendo opostos, acabam por aproximar-se, como veremos, diferindo, no entanto, em graus e estilos.

Para contribuir para a compreensão de como se organizam os valores ideológicos em discursos veiculados na internet, analisaremos as postagens do então Ministro da Educação em sua conta pessoal do *Twitter*, colhidas entre setembro e outubro de 2019, de um lado, e sites e reportagens brasileiros e portugueses que preconizam a atonia e os valores da contemplação, do equilíbrio e da harmonia, alinhados com o Movimento *Slow*, por outro lado. Levaremos em conta, para a análise, a teoria semiótica de linha francesa, utilizando, principalmente, as operações da sintaxe intensiva de aumentos e diminuições e as categorias tensivas da triagem e da mistura para a apreensão do valor dos valores ideológicos, abrangendo, também, os recursos discursivos de aspectualização e sua argumentatividade. A análise aponta para convergências, com diferentes gradações, tanto temáticas quanto de andamento e intensidade.

Na primeira seção, discutiremos as bases teóricas utilizadas para as análises, que a seguirão.

1. Interação enunciativa, os valores e sua complexidade

As interações enunciativas se apoiam nas relações entre um enunciador e um enunciatário que estabelecem um contrato fiduciário e veridictório, no qual são embasadas as trocas enunciativas e firmadas as relações argumentativas. O enunciador, então, promove os valores a serem transmitidos e executa um fazer persuasivo em busca da aceitação e admissão de valores pelo enunciatário, que cumpre um papel interpretativo e avaliativo. Para ser bem-sucedida, essa interação exige a construção de um estatuto veridictório do discurso, uma base de valores e de conhecimentos comum entre os interactantes e um conjunto de recursos para fazer crer, a argumentação.

Argumentar é fazer crer (convencer e/ou persuadir), é uma transformação de estado: “passagem de um estado de crença a outro: daquilo que é negado para aquilo que é admitido; daquilo que se duvida para aquilo que se aceita etc.”

(Greimas, 2014, p. 130). E é, ainda, fruto de uma operação de comparação (entre aquilo que se propõe e aquilo que se sabe ou em que se crê) e, portanto, de “identificação, no enunciado apresentado, com a totalidade ou frações de ‘verdade’ que já se possui”, como se lê em Greimas (2014, p. 131). Para o autor, se os contrários (*afirmação* e *certeza* ou a *recusa* e *exclusão*) são tidos como categóricos, os subcontrários *admissão* e *probabilidade* e *dúvida* e *incerteza* compõem uma escala, e toda essa complexificação, gradação e dinamização das relações fiduciárias entre o enunciador e o enunciatário e dos modos de fazer crer podem ser aclaradas pelas valências zilberberguianas.

A argumentação também pressupõe uma tensão entre ao menos dois universos de valor (o que se quer fazer admitir ou aceitar e o que é negado ou posto em dúvida) e de *verdade* (a que se quer transmitir e a já assumida), que se instaura entre dois sujeitos e um objeto, em relações precárias e instáveis. Desse modo, as relações argumentativas tanto se fazem tendo como resultado o ato de dar crédito a alguém ou tomar como verdadeiro um valor (de uma forma neutra e átona), quanto, de forma tônica, crendo fortemente num objeto ou tendo confiança em alguém (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 264).

A argumentação, dessa maneira, tanto pode tomar uma feição mais inteligível quanto mais sensível, e os recursos argumentativos podem ser baseados no objeto ou no sujeito. Ao se basear no objeto, naquilo que se quer que o outro creia, são construídos no movimento e tensão entre a demonstração implicativa e a surpresa concessiva, que dá vivacidade e elevação ao discurso, do ponto de vista da produção; e na tensão entre a convicção plena no valor e sua aceitação/admissão um tanto quanto polêmica ou suspeitosa, do ponto de vista da interpretação. Ao se basear em confiança intersubjetiva, os recursos argumentativos são modulados pela fé no outro, tendo como alicerce uma relação marcada pelos afetos e pelas paixões que controlam o modo de conjunção com os valores. Veremos como isso se concretiza nas análises que faremos nas próximas seções.

As relações hierarquizadas ou igualitárias entre enunciador e enunciatário, as aproximações e distanciamentos em relação aos universos de valores que se levarão em conta nas interações enunciativas também são fatores importantes para a determinação dos regimes e tensões que vão regular e graduar as trocas enunciativas.

Tendo comentado brevemente como a teoria semiótica entende as relações argumentativas que pautam a comunicação entre o enunciador e o enunciatário, é preciso refletir sobre os valores transmitidos e acolhidos nas interações.

Para a Semiótica, o conceito de valor pode ser compreendido como uma categoria semântica de natureza relacional, tomado como axiologia em um nível

mais abstrato de construção de sentido (nível fundamental), convertido em objeto de busca, circulando entre os sujeitos, num nível intermediário (nível narrativo), e, finalmente, concretizado no discurso, como valor ideológico, o que nos interessa mais fortemente neste artigo.

Os valores ideológicos pressupõem um sistema de valores e tem feição sintagmática (Portela, 2019)¹, inserem-se num percurso e circulam entre sujeitos. Para Fiorin (1998, p. 23-25), a ideologia é cunhada na relação que se estabelece entre temas e figuras². A ideologia pode ser entendida, portanto, como uma *visão de mundo* concernente aos grupos, classes e camadas sociais, sem deixar de levar em conta o caráter desequilibrado, as distorções, ilusões e contradições dos diversos sistemas de representação que ocorrem nos discursos, considerando a organização pluri-isotópica de temas e figuras (Barros, 1988, p. 148-151; 2009, p. 352-355).

Esses valores, assim concretizados nos discursos, possuem, segundo Zilberberg (2012), uma profundidade e uma complexidade, surgindo como produto de valências (correspondendo a uma intensidade e a uma extensidade), em relação dinâmica e gradual. Essa abordagem dos valores pelo autor permite compreender melhor como os valores surgem no discurso, como se explicam, qual o valor que os valores veiculados e assumidos pelos sujeitos tem. Para o autor, na dimensão da intensidade, as valências se distinguem pelos aumentos e diminuições; na dimensão da extensidade, pelas misturas e triagens (Zilberberg, 2012, p. 24). A intensidade quantifica os valores por seu acento e sua tonicidade; a extensidade qualifica os valores por sua exclusividade ou universalidade.

A abstração que caracteriza os conceitos propostos por Zilberberg, assim como as operações intensivas que sublinha (especialmente os aumentos e diminuições, os *mais* e os *menos*) com uma aplicação mais voltada para as profundidades do sentido, faz com que muitas vezes se disjunjam as categorias tensivas das relações mais concretas do nível discursivo, quando na verdade elas são concernentes a todos os níveis de abstração do conteúdo (a que o discursivo também faz parte, obviamente) e mesmo à expressão, podendo essas categorias ser plenamente aplicáveis ao ato de argumentar e à compreensão de como se constroem e se colocam em discurso os valores ideológicos.

É o próprio Zilberberg (2011) que propõe o acolhimento da Retórica pela Semiótica, ampliando a abordagem narrativa do fazer persuasivo e do fazer interpretativo como postula Greimas (2014, p. 131), propondo uma análise que também leve em conta a vivacidade (a ascendência), a intensidade (o andamento

¹ Para a problematização do conceito de ideologia em semiótica, conferir Portela (2019).

² Temas são vistos, para a Semiótica, como categorias semânticas mais abstratas que explicam, organizam e categorizam o mundo; figuras são categorias semânticas mais concretas que criam uma “ilusão referencial, ou seja, uma simulação do mundo natural” (Fiorin, 1998, p. 30). Temas e figuras se organizam em percursos encadeados e coerentes.

e a tonicidade), o aspecto (o restabelecimento e o recrudescimento), o estilo (implicativo e concessivo) e sua eficiência no discurso.

Não faltam trabalhos que mostram como as categorias tensivas iluminam a orientação argumentativa dos textos, ajudam a explicar e a perceber as formas de criação e colocação em discurso dos valores. Citaremos apenas dois, para ilustrar a sua importância. Fiorin, no artigo “Identidade nacional e exclusão racial” (2016), utiliza as categorias da triagem e da mistura para analisar textos literários de ideais abolicionistas, mostrando como os valores ideológicos da exclusão e do racismo estão ancorados na sociedade brasileira, ao contrário dos valores do acolhimento e da miscigenação que são propalados (mas não assumidos) por uma parcela da sociedade. Demonstra, em suas análises dos romances *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães e *O mulato*, de Aluísio Azevedo, que a “mistura não prescinde da existência de triagens, ou seja, há elementos que não são aceitos na mistura” (Fiorin, 2016, p. 63). Tomando, então, as categorias da sintaxe extensiva *mistura* e *triagem* e, da semântica extensiva, os valores *exclusivos* e *universais*, elucida o modo como os valores ideológicos circulam nos romances, em tensão modular, procedendo misturas de triagens, triagens de misturas, triagens de triagens, misturas de misturas. O artigo mostra, então, que as operações de mistura não são inclusivas e não levam à união, mas a uma depuração de elementos aceitáveis e desejáveis da miscigenação, como suposto *melhoramento* da raça, e que as operações de triagem sedimentam a exclusão e o racismo.

Se o artigo mencionado de Fiorin explica, por meio das estruturas tensivas, como se constituem os valores ideológicos dos nossos romances ditos *abolicionistas*, nos trabalhos de Barros (2014; 2015; 2016) sobre o discurso da internet e sobre os discursos intolerantes, os aumentos e diminuições, as operações de ultrapassagem e os valores da maximização tônica, que ela chama de “exacerbação do excesso” (Barros, 2016, p. 7), caracterizam os valores e estilos desses discursos. São essas operações da sintaxe intensiva que vão explicar os recursos argumentativos de elevação do tom, de uma retórica do excesso, com suas hipérboles e formas tônicas e concessivas das metáforas e das metonímias, fazendo com que se compreenda como surgem, mantêm-se e se acolhem os valores ideológicos concernentes a esses discursos.

2. Excesso e aceleração nos tuítes do ex-ministro Weintraub

A compreensão dos discursos nas redes sociais, das altercações políticas, das polarizações e dos excessos nas relações enunciativas, que ora escandalizam, ora entusiasma os leitores/espectadores, a depender de suas posições ideológicas, pode ser enriquecida pelas propostas teóricas da visada tensiva na semiótica. Tomaremos, para ilustração, as postagens do ex-Ministro da

Educação, Abraham Weintraub, em sua conta pessoal no *Twitter*. Em todos os âmbitos, das escolhas enunciativas da expressão e do conteúdo, no nível do enunciado ou no da enunciação, há um abandono da justa medida³ como comportamento eufórico, o que, até há pouco tempo, esperava-se como marca da civilidade e da respeitabilidade quando se tratava de um representante de um Ministério Federal e, ainda mais, da pasta da Educação.

O excesso, que já caracteriza o discurso na internet como bem apontou Barros (2015, 2016), tem sua intensidade aumentada até a superlativização e a amplificação, nos tuítes do ex-ministro. Em relação à ocupação do espaço na página, há um transbordamento. Os tuítes do ex-ministro, apesar das limitações de caracteres próprias dessa mídia, ultrapassam-no seja pela expansão na ocupação pela postagem de imagens de tamanho grande, seja pela duração extensa no tempo por meio de *links*, *gifts*, vídeos (ver Figura 1 e 3). A iteratividade e a multiplicidade são outro recurso bastante frequente. Há tuítes postados quase todos os dias, em alguns casos, diversas vezes ao dia (ver Figura 2). O tom elevado não só se faz presente pelos recursos acima mencionados, mas, na expressão verbal, há o emprego de *caixa alta* (letras maiúsculas), pontuando especialmente provocações, afrontas, falas polêmicas (ver Figura 3).

Figura 1



Fonte: *Twitter* do ex-Ministro Abraham Weintraub, 05/10/2019.

³ (Cf. Fiorin, 1989).

Figura 2



Fonte: Twitter do ex-Ministro Abraham Weintraub, 19/09/2019, com várias postagens no mesmo dia.

Figura 3



Fonte: Twitter do ex-Ministro da Educação, Abraham Weintraub, 07/09/19.

A embreagem enunciativa, construída pela insistente presença do ator da enunciação em fotos e vídeos, tem como produto a *saturação*. Há, assim, uma onipresença do enunciador, que se projeta como narrador em primeira pessoa e como actante do enunciado. O enunciador qualifica-se como um sujeito vaidoso (que se dá mais crédito do que tem) e confiante. Além da sua figura reiterada quase diariamente, a postagem celebrando o atingimento de 300 mil seguidores (ver Figura 4) e as comemorações de pretensos sucessos manifestam esse seu caráter, como no caso da adesão às escolas cívico-militares (ver Figura 5).

Figura 4



Fonte: *Twitter* do ex-Ministro Weintraub, festejando o alcance de 300 mil seguidores, 26/09/2019.

Figura 5



Fonte: *Twitter* do ex-Ministro Weintraub, comemorando a adesão à instituição de escolas cívico-militares, 01/10/2019.

A linguagem familiar, quase íntima, algumas vezes vulgar, e o comportamento desenvolvido nos vídeos produzem efeito de aproximação com seus seguidores. Assim, a vaidade, uma paixão que não é moralizada positivamente, até pode ser perdoada por quem lhe tem simpatia e se sente próximo. Mas o ex-Ministro também encarna outras paixões malevolentes – o ressentimento, a antipatia, o ódio – dirigidas principalmente à mídia, a alunos e a professores que não compartilham de sua posição ideológica. Como forma de manter a contenda acesa, emprega, com frequência, como recurso argumentativo, a ironia, a caricatura e o grotesco (ver Figura 6). Curiosamente, ao estilo concessivo, são exatamente essas manifestações passionais que poderiam desqualificá-lo aos olhos dos cidadãos a que se dirige que o fazem parecer franco, corajoso, engraçado e perspicaz, aproximando-se do éthos dos atores dos discursos intolerantes, tais quais nos apresenta Barros (2016, p. 22).

Figura 6



Fonte: *Twitter* do ex-Ministro Weintraub, 29/09/2019.

Em relação à semântica do discurso, as isotopias temáticas da economia e das finanças, as do pragmatismo e da utilidade, além das da ordem e da obediência são as mais frequentes. Essa reiteração se manifesta em expressões e passagens tais como “pagador de impostos” (os internautas a quem se dirige), “sem aumentar impostos”, “escolas cívico-militares”, “demanda”, “gestão”, “eficiência”, “bolsas de pesquisa para áreas úteis”, “Fim da mamata!”, “Ciências, no caso, é física, química ou biologia (não tem xxxxxlogia)”, entre outras. Como se vê, os temas relacionados à educação e ao ensino se reduzem à discussão de um financiamento excludente, da economia dos impostos pagos, da utilidade financeira de certas áreas de conhecimento. Sob a operação da triagem, temas relacionados à qualificação dos profissionais da educação e a projetos que podem ampliar o alcance da educação formal à população e a sua qualificação, por exemplo, estão excluídos dos tuítes do ex-Ministro.

A interação construída por esse tom elevado e excessivo, tendendo sempre ao recrudescimento, provoca, de um lado, a manutenção da adesão de um grupo de apoiadores e, de outro, a extenuação dos seus opositores pelas reiteradas investidas provocadoras. A seus seguidores fiéis, o enunciador reafirma os valores e os afetos com os quais se identificam. A reiteração, a multiplicidade e o acento tônico do seu dizer não alteram o estatuto modal de seus apoiadores, não os alarmam, restabelecem continuamente o acordo tácito de valores e os afetos que os animam, como se pode ver nos comentários abaixo transcritos em resposta à sua postagem do dia 02 de outubro de 2019:

Fabiano C. em resposta a @AbrahamWeint

Poxa, ministro, gosto demais da sua espontaneidade! Uma figura honesta e bem intencionada que mostra amor pelo Brasil. Há muito não via isso no Governo. Obrigado! Que Deus te abençoe!

Gi em resposta a @AbrahamWeint

Excelente estratégia de publicidade, é com essa aparente espontaneidade e esse diálogo coloquial que conseguiremos atingir maior número de pessoas e que terão maior conscientização dos trabalhos do Governo. Vídeo encaminhado p/as tias e tios do zap. Parabéns!

Para os opositores, esse excesso de provocações, solicitando sempre uma resposta tônica, acaba por controlar o debate, delimitar e fechar seu alcance e desdobramentos, restringindo-o às discussões mesquinhas, a reações indignadas às ameaças, às agressões ou às insinuações grosseiras, desgastando-os afetivamente, como se pode ver nos comentários abaixo transcritos, também em resposta a tuíte do então ministro, em 02/10/2019:

Fernanda M. em resposta a @AbrahamWeint

O senhor não tem vergonha de rebaixar o cargo de ministro a essas atuações ridículas? Zero capacidade argumentativa e nenhuma proposta concreta de melhoria do sistema educacional. O que falta nas escolas é mais recursos e estrutura, não um soldado na porta.

Fabi

Essa pasta nunca foi tão mal frequentada. @AbrahamWeint é o pior ministro da educação da história.

É importante destacar que a primazia da intensidade em relação à extensidade não implica necessariamente tonicidade alta, como se vê nos tuítes do ministro ou nas interações na internet em geral. A atonia (ou um vetor para o átono) também pode ser um elemento importante na elucidação dos valores ideológicos e no emprego de recursos argumentativos nas interações na internet, como ilustram os sites e reportagens que abordam um movimento voltado para a desaceleração e para uma parada na velocidade da sociedade atual.

3. Movimento *Slow* e atenuação

O Movimento *Slow* aparece como uma reação à aceleração e à tonicidade do mundo contemporâneo. Nos textos e sites que circulam pela internet sobre esse movimento, os temas e figuras reiteram valores como os da simplicidade, da desaceleração e conseqüente lentidão e demora, da contemplação, da ociosidade, da convivência familiar e do relaxamento, como se pode perceber nos exemplos abaixo:

Um movimento de conscientização sobre o ritmo frenético da sociedade atual, e a proposta de viver sem pressa, fazer as coisas com a presença e atenção plena, estar atento às relações, buscar uma vida simples.

[...]

Contra o tempo da pressa recomenda-se o ócio, o vazio, a meditação (“Movimento *Slow* prega desaceleração da sociedade”, site *Ciclo Vivo*, 03/10/2018).

Os sites observados mostram reiteradamente figuras de paisagens, locais em que as figuras humanas aparecem isoladas, com detalhes: um pé, uma mão de criança tocando um caramujo, parte de figura humana meio escondida na vegetação (ver Figuras 7, 8 e 9). As imagens concretizam, assim, os mesmos temas já evidenciados no enunciado verbal.

Figura 7



Fonte: “Movimento *Slow*: quando a ordem é abrandar”. *Observador*, 19/05/2016. Disponível em <https://observador.pt/2016/05/19/movimento-slow-quando-a-ordem-e-abrandar/>. Acesso em 17/01/2021.

Figura 8



Fonte: “Movimento Slow prega desaceleração da sociedade”. *Ciclo Vivo*, 03/10/2018. Disponível em <https://ciclovivo.com.br/vida-sustentavel/equilibrio/movimento-slow-prega-desaceleracao-da-sociedade/>. Acesso em 17/01/2021.

Figura 9



Fonte: “Trabalhar menos. Trabalhar melhor”. *Público*, 16/08/2016. Disponível em <https://www.publico.pt/2015/08/16/sociedade/noticia/trabalhar-menos-trabalhar-melhor-1704803>. Acesso em 17/01/2021.

Essas operações que vão da moderação à atenuação, previnem-se, no entanto, da “estagnação” (para citar uma expressão empregada por um dos textos, como as seguintes, entre aspas), ou seja, da extenuação e da extinção. Os enunciados, portanto, propõem um tempo justo, “equilibrado”, além do prolongamento da vivência do presente e da presença, em reação ao adiantamento e à rapidez, permitindo uma “gestão do tempo” com pausas que possibilitem o “revigoramento”, a criatividade e a saúde, uma sustentabilidade que não exclui de vez a imersão dos sujeitos no mundo do trabalho e do consumo das sociedades capitalistas e nas ideologias neoliberais, expressas nos seguintes fragmentos dos sites e reportagens estudados:

Desafiar a cultura da velocidade, da acumulação, do frenesim, da quantidade sobre a qualidade. Não para tentar impor o seu contrário, mas para repor o equilíbrio nas diferentes áreas da vida. O movimento *slow* ambiciona proteger um bem escasso que é transversal a tudo o que fizemos – o tempo –, interrogando-se sobre como o gerimos e o que fazemos dele. Não se trata de recusar as tecnologias, as conquistas do bem-estar ou aspectos positivos da globalização, mas de os tornar aliados no objetivo da sustentabilidade. Não se trata de fazer a apologia da lentidão ou de encarar o trabalho de maneira negativa, mas sim de enaltecer o revigoramento que pode surgir quando se vive segundo um modelo em que se sabe quando é necessário abrandar ou acelerar, não deixando que o desacelerar se torne estagnação, nem que a hiperactividade se torne obsessão (“Trabalhar menos. Trabalhar melhor”. *O público*, 16/08/2016).

Talvez sem saber, Bárbara Alves da Costa é uma adepta do movimento *slow*, conceito que olha para o tempo e sua gestão como o derradeiro bem (imaterial) do ser humano e que contraria a agitação da vida moderna, feita de compromissos cumulativos,

correrias constantes e muito poucas pausas. “A ideia é abrandar porque o mundo se tornou demasiado rápido. O movimento não promove a lentidão excessiva, procura antes o equilíbrio”, afirma Raquel Tavares, membro da direção da Associação Portuguesa de *Slow Movement*, nascida em 2009 para ajudar a desacelerar os ponteiros do relógio de quem mais precisa. “O movimento quer contrariar a velocidade e o stress. É uma questão de dar tempo ao tempo.

[...]

Luís Mileu não é o único a pensar assim, isto é, a defender que as horas em excesso não funcionam como estímulo para a criatividade e a produtividade individual. São muitos os estudos que têm demonstrado uma mesma realidade, tal como a pesquisa conduzida por John Pencavel, da *Universidade de Stanford* – aqui citada pelo blogue da publicação *The Economist* – que mostrou, com base em dados da Primeira Guerra Mundial, que a redução de horas pode ser uma mais-valia quando o que está em causa é a produtividade. Em outubro de 2015, era a vez do *Financial Times* dedicar um artigo por inteiro ao facto de estarmos a trabalhar mais e pior (“Movimento *Slow*: quando a ordem é abrandar”. *Observador*, 19/05/2019).

Aparentemente buscando uma nova ordem social e uma resposta polêmica às exigências e à rapidez do mundo contemporâneo, o Movimento *Slow* acaba por propor somente uma diminuição do excesso que possibilite a continuidade dos valores de produtividade, de consumo e da rapidez, agora mais moderada, justamente adiando uma resposta pela ruptura.

Considerações finais

As análises demonstram que a abordagem tensiva da Semiótica torna possível explicar o surgimento e a dinamização dos valores que circulam nos textos, fazendo entender o valor dos valores e as operações que os modulam e lhe dão sentido e direção. Como vimos nos tuítes do ex-Ministro, além do excesso no modo de dizer, que quantifica sua intensidade, os valores ideológicos são construídos também por meio de operações de triagens sucessivas: da multiplicidade de conhecimentos, são selecionados os que são os imediatamente “úteis”, os pragmáticos. Mas não só os úteis, mas entre os conhecimentos científicos, por nova operação de triagem, os que são tidos como ciência (“física, química ou biologia”), reiterando a exclusão dos outros também pelo sarcasmo (“não tem xxxxxlogia”). As operações de triagem deixam explícito o dizer autoritário em que as supressões e as restrições justificam a distribuição exclusiva dos já escassos investimentos.

Os recursos argumentativos, os modos de dizer, mobilizados no plano do conteúdo ou no da expressão podem ser mais bem compreendidos se vistos por meio de uma aspectualização do acento, que não só explicam as amplificações, as hipérboles, os eufemismos, os sarcasmos etc., mas também as formas mais

implicativas e mais átonas da argumentação. A apreensão das modulações nas relações precárias ou estáveis dos sujeitos e nas interpretações e afetos previstos nos enunciados explica os modos de adesão e fé.

Como vimos, tomando ainda como exemplo os tuítes do ex-Ministro, que inscrevem um enunciatário complexo, essa modulação ora constrói a persistência dos vínculos dos seus seguidores, em operações de recuperação reiteradas, para que não se percam mediante à perda esperada do acento, ora impõe uma extenuação dos opositores pelas reiteradas provocações, sujeitos aparentemente excluídos (mas para quem também o enunciador se dirige), num movimento de buscar circunscrever seu âmbito de reação apaixonada, de ação e de debate.

Em relação ao Movimento *Slow*, a orientação para a atonia torna suportável a integração do sujeito no mundo da rapidez e da tonicidade superlativa, que é seu ponto de partida, seu elã, mas resguarda, no entanto, suficiente vivacidade. Para além da operação intensiva da diminuição em direção à atenuação, observa-se uma mistura dos valores da contemplação, da pausa, do cultivo das relações humanas com as exigências do mundo do trabalho, com a gestão racional do tempo, de modo que o “abrandamento” da velocidade permita a recuperação e o vigor necessários para dar continuidade às formas de vida velozes da contemporaneidade. ●

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Uma reflexão semiótica sobre a “exterioridade” discursiva. *Alfa*, vol. 53, n. 2, São Paulo, 2009, p. 351-364. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2120/1738>. Acesso em 17/01/2021.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, vol. 58, n. 1, Campinas, jan./abr. 2016, p. 7-24. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8646151/13239>. Acesso em 26/11/18.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A complexidade discursiva na internet. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, vol. 13, n. 2, São Paulo, 2015, p. 13-31. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/8028/5756>. Acesso em 26/11/18.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. O discurso intolerante na internet: enunciação e interação. *Anais do XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*

- (ALFAL 2014). João Pessoa, 2014, p. 3660-3671. Disponível em <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0716-1.pdf>. Acesso em 26/11/18.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1998.
- FIORIN, José Luiz. Identidade nacional e exclusão racial. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 58, n. 1, 2016, p. 63–75. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8646154>. Acesso em: 17 jan. 2021.
- FIORIN, José Luiz. A lógica da neutralidade: um caso de aspectualização do ator. In: *Estudos Linguísticos XVIII*, 1989, Lorena, São Paulo. Anais... Lorena. São Paulo: Prefeitura Municipal de Lorena, 1989, pp. 348-355.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. Tensão e significação. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas/FFLCH/USP, 2001, p. 39-59.
- GREIMAS, Algirdas Julien. O saber e o crer: um único universo cognitivo. In: GREIMAS, A.J. *Sobre o sentido II*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: EDUSP, 2014, p. 127-145.
- PORTELA, Jean Cristtus. Semiótica e ideologia. *Revista do GEL*, vol. 16, n. 1, São Paulo, 2019, p. 132-142. Disponível em <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2778/1588>. Acesso em 17/01/2021.
- ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.
- ZILBERBERG, Claude. *La structure tensiva*. Suivi de Note sur la structure des paradigmes et Sur la dualité de la poétique. Liège : Presses Universitaires de Liège, 2012.

Abstract: From the perspective of French Semiotics, this study aims to contribute to the understanding of discourses that circulate on websites and social networks, which are mainly characterized by political altercations, polarization and excesses in enunciative relations through entrenched and passionate ideological positions (Barros, 2014; 2015; 2016). On the other hand, other websites and texts, such as the *Slow Movement*, are moving in the opposite direction— searching, apparently, for deceleration. To this end, we will analyze Brazilian ex-Minister of Education’s personal *Twitter* posts, collected between September and October 2019, and sites aligned with the *Slow Movement* (such as *Ciclo Vivo*) that advocate atony and values of contemplation, balance and harmony, in addition to related reports in Portuguese and Brazilian newspapers. The analysis will mainly consider intensive syntax and the tensive categories of blending and sorting to determine ideological values, while observing the discursive aspects of aspectualization and argumentation. The analysis points to different degrees of convergence regarding thematics and intensification.

Keywords: enunciative interaction; internet; tensiveness.

Como citar este artigo

GOMES, Regina de Souza. Interação na internet e ideologia: excesso e atenuação. *Estudos Semióticos* [online]. Volume 17, número 1. Dossiê especial: GT de Semiótica da ANPOLL "Semiótica e vida social". São Paulo, abril de 2021. p. 55-71. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

GOMES, Regina de Souza. Interação na internet e ideologia: excesso e atenuação. *Estudos Semióticos* [online]. Vol. 17.1. Special issue: Semiotics Workgroup of ANPOLL "Semiotics and social life". São Paulo, april 2021. p. 55-71. Retrieved from: <www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 17/01/2021.

Data de aprovação do artigo: 28/01/2021.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 License.

